

Explorando acontecimentos

por Rose Clair Pouchain Matela

Paralelamente aos acontecimentos “oswaldianos”¹, muito próxima e tocada, eu fazia o Curso “Mutações: a condição humana”² e uma das palestras me remeteu imediatamente para tais acontecimentos. O que vou escrever a seguir é uma tentativa de “costurar o tempo” através dos sentimentos vividos diante desta situação de violência e obscurantismo e a palestra “Delicadeza” de Maria Rita Kehl.

Na verdade, várias foram as palestras que permaneceram comigo desde a saída até a minha casa, se inscrevendo no meu corpo e mexendo muito comigo. O que vejo de belo e admirável nestas palestras é a capacidade que os palestrantes têm de nos presentear e nos tocar com a beleza de seus pensamentos. Digo beleza, porque considero especiais aquelas pessoas que nos “hipnotizam” com suas idéias, instigando em nós outros pensamentos.

Várias vezes no percurso centro/casa, algumas amigas que faziam o curso comigo foram companheiras de dúvidas, angústias, descobertas, estranhamentos, afinidades e “alegrias de pensamentos”.

Momentos de “delicadeza”.

Escutando Kehl uma sintonia de tempos ia se delineando. Ela chamou nossa atenção para o fato de que os homens não são naturalmente delicados. “E talvez por isso, a delicadeza por não ser própria do humano, é que ela é tão necessária para que a condição humana não se perca, não se brutalize.”

A delicadeza aqui não é vista nem como “polidez insultante dos poderosos”, nem como “polidez sutil e insultante dos fracos.” Partindo de Kehl, entendo que talvez seja a capacidade de na complexidade da vida ter sutileza para não nos embrutecermos, não atropelarmos os outros, não desrespeitarmos a vida. Para isso, é preciso tempo e memória para tecermos experiências.

O homem criou e expandiu um sem número de artefatos de morte; o homem valoriza e aperfeiçoa infinitos recursos para exhibir sua suposta superioridade sobre os semelhantes, ferindo continuamente o frágil equilíbrio entre as representações do eu e do outro. Só o homem é capaz de ferir o silêncio, aniquilar a

A missanga, todas a vêem.
Ninguém nota o fio que,
em colar vistoso, vai compondo as missangas.
Também assim é a voz do poeta:
um fio de silêncio costurando o tempo.

Mia Couto

escuridão, desacreditar do mistério, acelerar o tempo.
(Kehl)

Kehl nos diz ainda que o valor estético da delicadeza desponta quando somos capazes de estancar o tempo acelerado do capitalismo contemporâneo que nos conduz a um estado muitas vezes de torpor, impotência e indiferença, possibilitando a criação de um outro tempo e lógica nas relações sociais.

Aqui me lembro também de Benjamin³ que ao propor aos historiadores marxistas uma fundamentação num princípio construtivo, capaz de fazer com que o pensamento inserisse não só o movimento das idéias, mas também a sua imobilização, revelava a potência transformadora de um procedimento que cessando o pensamento subitamente, pudesse desnudá-lo, descortinando as tensões dos acontecimentos, e possibilitasse reflexões críticas que ensejassem novas configurações. “A dialética para Benjamin só se pode fazer hoje como fotografia, que fixe a imagem e o lugar das coisas arrastadas pelo turbilhão.” (Konder, 1999: 105).

“Imagens dialéticas” e “efeito de estranhamento ou distanciamento”⁴, provocam desconforto perante o vivido, nos instigando a “interromper” o fluxo dos acontecimentos, como forma de escapular das opressões cotidianas, das continuidades, visto que neste movimento de estranhamento são criadas as condições de produzir desvios, discontinuidades, que propiciam outras ações frente a realidade existente.

Como potencializar, no entanto, as “imagens dialéticas” perante um pensamento dominante carregado de continuidades e imobilizações?

Encontro na filosofia de Benjamin fagulhas de rebeldia frente às continuidades, ao observar uma estreita sintonia com a articulação que o autor faz em seu trabalho entre vida e obra, entre ciência e existência, o que nos possibilita ver nos acontecimentos, grandes ou pequenos, o movimento dialético dos fragmentos que compõem um todo em constantes rearranjos.

Seu método resulta em que na obra o conjunto da obra, no conjunto da obra a época e na época a totalidade do processo histórico são preservados e transcendidos. O fruto nutritivo do que é compreendido historicamente contém em seu interior o tempo, como sementes preciosas, mas insípidas. (BENJAMIN, tese 17, 1994: 231).

Por este procedimento, podemos descobrir os vestígios e os detalhes que se tornam significativos no momento em que escapam das “sombras”, expressando o significado histórico-político da composição de uma obra. Assim sendo, tudo pode ser transformado em objeto de observação pormenorizada, uma vez que há nestes resquícios “uma concentração de significações diversas na intensidade de uma forma única, espécie de mundo em miniatura ou, na terminologia leibniziana, de mônada.” (Gagnebin, 1992: 44)

Desse modo, nosso autor percebia a energia crítica e, portanto, política do pensamento, que dialeticamente, possibilita a partir da observação minuciosa de fragmentos num primeiro instante sem importância ou estranho, a condição para penetrar no mundo histórico do cotidiano, (re)interpretando-o e (re)fazendo-o permanentemente, pelos fios que se entrelaçam na construção de nossa existência.

Como manter acesa a chama do desvio, do instintivo em momentos de “extremo perigo”?

Talvez possamos encontrar na poesia de Oswaldos desvios e vislumbrar a importância da (re)criação de uma linguagem que não separa ação de conhecimento, ato e palavra, como possibilidade da experiência. “(...) Benjamin considera devasta-

dor o equívoco que cinde palavra e ação. Porque o ato não é, nestes domínios, o que está no fim de um processo, mas a própria linguagem em seu exercício.” (MURICY, 1998: 90).

A poesia “erótica” de Oswaldos nos coloca cara a cara com nossos preconceitos e tabus. Sem concessões, sem rodeios ou falsos moralismos, ela vai fundo em nossas histórias de vida, revolvendo memórias e experiências, que muitas vezes não queremos lembrar, ou melhor dizendo, não estamos preparados para lembrar. Ela nos toma de assalto, nos arrebatava e, mesmo que não que desejemos, de alguma forma mexe conosco. Neste momento alguns aproveitam e buscam rever e ou superar preconceitos, outros reafirmam o obscurantismo.

os rebolados das moças nas passarelas são rebolados que não contam. antes diria de tais rebolados – como de frangos ou frangas que quebram as asas – serem rebolados de gringos ou de sujeitos pouco afeitos, digamos, aos rebolados da cama.

os rebolados mucamas
os rebolados da ante-câmara
são os rebolados das baianas, das falsas baianas;
fatal, o rebolado da moça que, no ônibus,
ultrapassa com uma quebra de cintura ou de bunda
o obstáculo entre o trocador e o corpo –
melhor, quando tal rebolada atrai os olhos
sobre o espesso do corpo que se transforma em poema
e resta aos atônitos que olham
apenas no minuto clarão de si mesmo.

não, o rebolado
como diria bandeira, do conde julião;
não, o rebolado da opressão
mas o rebolado das belas tetas, dos belos e cheios, principalmente cheios, quadris
não o rebolado dos rebuçados americanos
– tylenóicos, aspirínicos, sonambúlicos, abulínicos, apolínios –
mas o requebrado das mulheres, sem mais.

os rebolados das bundas que ajeitam as calças para que elas modelem para que elas refaçam com mão e observação de artista a matéria do corpo que só a matéria sobrevive na imagem dionisíaca da mulher. desta matéria, o estupor – êxtase e entusiasmo – perene que, se foge à medida exata do deixar livre a bunda e prendê-la nos panos da calça, não mais permite ao

rebolado
o seu rebolar

entretanto, quem mais afeito ao corpo vara, ao corpo büdchen, de rebolado não fala;
fala da imprecisão metódica com que os pós-corpos posam,
com que os pós corpos – estrelas – impõem como corpos.
descorpos que são a medida exata do nada cigarro

do nada bebida
do nada combustão
corpos que se espelham
em Guantánamo, em gaza, nos guetos
um corpo vara é também um corpo político
que apaga do corpo o que do corpo urge
diria até que o que urge apagar está na periferia do corpo
em seus azedumes

no cancro, nos gazes, nas pústulas – na urina e fezes.
um corpo vara corre o risco de apagar o que o espírito faz urdir em segredo no corpo a
incontenção do errôneo – do enfarte,
da cantada,
da trepada
do tesão.

o corpo vara é um corpo limpo – assim mesmo como quando os generais mandavam limpar a casa, ou como quando os eugeniastas mandavam salvar a raça ou mesmo quando os

aristocratas mandavam purgar o sangue – o corpo vara é um corpo canalha
um corpo vara não é um corpo marilim
não é corpo suicida, como o de carmem miranda
um corpo vara não vara madrugadas
não cai, não se desequilibra nem nunca leva porrada
um corpo vara é um corpo campeão
como o de uma vaca
não o corpo daquelas vacas palustres
que andam rebolando as ancas
que andam ruminado tesão
que essas antes de tudo
rebolam felizes
pelo que são
ou ainda o corpo égua
como os das gregas
como o das mulheres de dioniso
que relincham e põem a seus pés
o cortejo dos deuses
um corpo que rebola
permite-se ser cachorra
cadela
aluvião
um corpo que rebola
que quebra
requebra
seja no levantar da calça
seja no passar pela catraca da contenção
um corpo que rebola
que quebra
e requebra
é contra o corpo vara
é corpo social
derrisão⁵

Penso, então, que a poesia “erótica” de Oswaldo tem sintonia com esses pensamentos ao suscitar estranhamentos, desconfortos, receios, porque ela nos convida a romper com a hipocrisia de nosso tempo. Ela nos convida ainda a refletir sobre o lugar de nossos afetos em vidas cotidianamente desperdiçadas em relações superficiais e efêmeras, em relações mercantilizadas e banalizadas. Em vidas em que o individualismo se torna a norma de nossa existência.

Como diz Kehl citando John Berger

Os poemas que não lidam com desfechos de nenhuma ordem, atravessam os campos de batalha, cuidam dos feridos e ouvem os monólogos delirantes de triunfantes e de derrotados, trazem consigo - os poemas - uma espécie de paz não por qualquer virtude anestésica ou de fácil consolação, mas por conterem o reconhecimento e a promessa de que as experiências não podem desaparecer como se nunca tivessem existido.

Ouvindo a palestra do professor Franklin Leopoldo novamente me vi lembrando os acontecimentos vivenciados por Oswaldo, quando nos falava que nosso tempo vive um vazio de pensamento, um modo de vida e de relações humanas em que nos isolamos cada vez mais, em que nossa

sociabilidade é permeada de relações fundamentalmente competitivas e, portanto, desprovidas de experiências e de delicadeza.

A ausência de pensamento, mais do que falta de reflexão, significa que a própria existência é pautada pelo vazio e que as tentativas de atribuir sentido singular à vida acabam por seguir os desvios e os diversionismos que o sistema oferece com abundância e aparente variedade, mas que convergem todos para o lugar vazio em que a subjetividade e a historicidade se dissolvem no conformismo e na indiferença.

Alguns acontecimentos como “nosso sarau”⁶, ao “parar” o tempo acelerado da contemporaneidade possibilita elaborarmos uma experiência que busca superar o vazio de pensamento, ao favorecer a construção de um tempo, tecido de vidas, de delicadeza.

Um tempo-espaco de reflexão coletiva, constituído de encontros que procuram escapar da rotina, da lógica hegemônica que orienta nossas vidas, enfim dos aprisionamentos cotidianos. Encontros que nos atravessam e nos transformam. Não grandes transformações, mas pequenos movimentos que nos alimentam e nos fortalecem diante do poder de um “vazio de pensamento.”

Escrever este acontecimento foi uma tentativa de

inscrevê-lo em minha vida, não deixando simplesmente passar, não deixando que a velocidade do tempo o apagasse. Registrá-lo em minha memória e compartilhá-lo no sarau, propiciou torná-lo experiência ■

NOTAS:

1 Oswaldo Martins, ex-Professor de Literatura da Escola Parque demitido em setembro de 2008, por ter um blog no qual publica suas poesias, dentre elas poesias eróticas.

2 Lançado recentemente o livro das palestras: NOVAES, Adauto(org). A Condição Humana: as aventuras do homem em tempos de mutações. Rio de Janeiro: Editora Agir; São Paulo: Edições SESC SP, 2009.

3 Benjamin, 1994: tese 17.

4 Na sua perspectiva de teatro épico, Brecht propunha a criação de efeitos de estranhamento que incitam uma postura crítica e de intervenção por parte dos espectadores. Cessando a continuidade da ação e, portanto, a concentração do espectador no desfecho, este é lembrado que a arte não é a vida, marcando a teatralidade e o artifício da representação. "O teatro épico é o teatro do herói surrado; o herói não surrado não se eleva à reflexão." (Benjamin). Citado em Konder, 1999, p.75.

5 Antíode para Gisele Búdchen – Oswaldo Martins, 2009. (<http://osmarti.blogspot.com/>).

6 Encontro regular de amigos que tentam manter acesa a chama do pensamento.

REFERÊNCIAS:

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7ª edição, São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v.1).

GAGNEBIN, Jeanne Marie. História e narração em Walter Benjamin. São Paulo: Perspectiva: FAPESP: Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1994. (Coleção Estudos: 142).

KONDER, Leandro. Walter Benjamin: o marxismo da melancolia. 3ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

MATELA, Rose Clair Pouchain. Cineclubismo: memórias dos anos de chumbo. Rio de Janeiro, Editora Multifoco, 2008.

MURICY, Kátia. Alegorias da dialética: imagem e pensamento em Walter Benjamin. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.